



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

ESPAÇO PÚBLICO URBANO E VIDA COTIDIANA

KATO, Volia R. C.

Socióloga, Professora Doutora e Pesquisadora na Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM, São Paulo, SP,
Brasil; e-mail: vrkato@uol.com.br



Espaço Público Urbano e Vida Cotidiana

Urban Public Space and Everyday Life

Espacio Público Urbano y Vida Cotidiana

RESUMO

A cidade contemporânea, em sua natureza fragmentada, agrega no plano do real vivido movimentos diferenciais em tensão: a velocidade dos fluxos econômicos e de informação paradoxalmente aproxima e distancia os indivíduos reduzindo suas experiências sensoriais, homogeneizando gostos e consumos, configurando tribalismos e identidades culturais segmentadas ao mesmo tempo em que abre possibilidades de aproximação relacional e de configuração de significados subjetivos através de usos regulamentados e espontâneos dos espaços públicos que acompanham os ritmos e cadências do cotidiano. Objetiva-se, neste artigo, trazer algumas contribuições conceituais e metodológicas desenvolvidas no âmbito da sociologia da vida cotidiana que vem sendo aplicadas em investigações empíricas na FAU-Mackenzie sobre usos e significados simbólicos de espaços urbanos especificamente na Avenida Paulista em São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: *Vida cotidiana; sociabilidades; espaço público urbano*

ABSTRACT

The contemporary city, in its fragmentary nature, adds to the real life outline strained unlikely movements: velocity of economic flow and information that paradoxically approximate and separate individuals by reducing their sensorial experiences, homogenizing tastes and consumption, configuring tribalism and segmented cultural identities while opening possibilities of relational approximation and configuring subjective meanings through public spaces both regulated and spontaneous that follow the rhythms and cadences of everyday life.

The purpose of this article is to present some conceptual and methodological contributions developed within the sociology of everyday life that have been applied in empirical research by FAU-Mackenzie on the use and symbolic meanings of urban spaces specifically on Avenida Paulista in Sao Paulo.

KEYWORDS: *Everyday life; sociability; urban public space*

RESUMEN:

La ciudad contemporánea, con su carácter fragmentario, reúne en el plan de las vivencias reales, movimientos de tensión diferenciados: la velocidad de información y de flujos económicos paradójicamente atrae o aleja las personas y además reduce sus experiencias sensoriales, em cambio a la igualdad de gustos y consumo, que resultan em tribalismos y identidades culturales fraccionadas. Al mismo tiempo abre posibilidades para el enfoque relacional y para los significados subjetivos de configuración a través de usos regulados y espontáneos de los espacios públicos que acompañan los ritmos y cadencias de todos los días. El objetivo en este artículo es traer algunos aportes conceptuales y metodológicos desarrollados en dentro de la sociología de la vida cotidiana que se ha aplicado en investigaciones empíricas de la FAU-Mackenzie respecto a los usos y significados simbólicos de los espacios urbanos, especialmente en la Avenida Paulista en São Paulo.

PALABRAS CLAVE: *La vida cotidiana; sociabilidad; espacio público urbano*



1. INTRODUÇÃO

O termo “habitar” na acepção designada por Heidegger em suas aproximações com a ideia de construir o abrigo ou a morada, tem sido reiteradamente resgatado nas análises acadêmicas que tratam a cidade sob o prisma dos espaços públicos e das sociabilidades contemporâneas. De forma convergente, as reflexões de Henri Lefebvre sobre a importância dos espaços vividos e das experiências urbanas também tem sido retomadas como um possível contraponto para se compreender os sinais de insatisfação e mal-estar dos indivíduos com a cidade, a falta de sentido e, ao mesmo tempo, a recriação de significados e de liberdade no contexto acelerado de vida onde as relações sociais parecem se esgarçar.

Com efeito, o uso crescente dos espaços públicos urbanos articulados às atividades de lazer, produção e consumo cultural e mesmo, os movimentos de protesto social recentes no mundo e no Brasil, vêm problematizar a ideia de esvaziamento do espaço público entendido como suporte material das expressões de liberdade e como esfera política de constituição de cidadania.

Esta ideia surgida no final dos anos de 1970 traduzia uma constatação pessimista e de perplexidade diante dos processos de transformação econômica cada vez mais acelerados onde a prevalência e privilégio das mobilidades individuais propiciadas pelo automóvel se agregam a outros suportes tecnológicos de informação em direção ao acirramento do individualismo, da reclusão e de desvalorização dos espaços públicos (SENNETT, 1988,1997). Nesta linha, os espaços públicos, afetados por projetos urbanos de espetacularização da cidade reafirmam a presença das corporações e dos interesses privados, transformando cidadãos em consumidores e movimentos sociais em grupos de interesses (DUPAS, 2005). Entretanto, as categorias - *público e privado* utilizadas nestas interpretações, como tantas outras dicotomias formadas na modernidade ocidental e sedimentadas no imaginário social não dão conta de explicar a complexidade dos fenômenos urbanos contemporâneos.

O plano do real vivido, em sua natureza fragmentada agrega movimentos diferenciais em tensão: homogeneização de consumo e gostos; tribalismos e identidades culturais e religiosas segmentadas; aproximação relacional e configuração de significados subjetivos nos usos dos espaços públicos.

É nesse sentido que a vida cotidiana, enquanto recorte da realidade capaz de iluminar as características e impasses das sociedades contemporâneas têm sido, cada vez mais anunciada nas abordagens analíticas nos mais diversos campos disciplinares. Existe aí um reconhecimento de que as atividades corriqueiras do dia a dia carregam elementos informantes dos traços sociais, psicológicos, culturais, entre outros, e, portanto, das dimensões individuais e coletivas da realidade. Inclusive na literatura, por exemplo, a vida cotidiana tem sido vista por alguns, como uma mediação para o questionamento crítico da realidade¹.

¹ Nelson Figueiredo, autor do premiado livro *Passageiro do fim do dia*, afirma que a literatura pode ser um caminho de desmistificação das injustiças sociais que tendem a ser banalizadas e *naturalizadas* pelos aspectos rotineiros e repetitivos da vida cotidiana. Nesse livro, “a ideia original era escrever sobre os processos que produzem e reproduzem a desigualdade, que a legitimam em nosso pensamento e tentam impedir que a vejamos como uma



Também para a Sociologia o plano da vida cotidiana desponta como possibilidade analítica e, sobretudo como um enigma a ser revelado, pois, o dia a dia contém a consciência e a inconsciência social, a reprodução e a mudança, a passividade da rotina, a crítica velada e os acontecimentos inesperados, a passividade e a revolta.

A complexidade do real e as singularidades de cada recorte social se apresentam como desafios de pesquisa. Esta tarefa exige um preparo tanto conceitual quanto de experiência de pesquisa e de observação empírica da realidade em questão. Se o cotidiano carrega e reproduz os traços fundantes da cultura, trata-se, no caso brasileiro e de outras situações latino-americanas e, tal como já havia alertado o intelectual de renome², de voltar o olhar para a nossa realidade intrínseca, libertando-nos de aparatos conceituais que serviram para interpretar outras sociedades e que não dão conta daquilo que somos.

Diante destas proposições, o artigo pretende reunir algumas contribuições conceituais e metodológicas desenvolvidas no âmbito da sociologia da vida cotidiana que vem sendo utilizados em investigações empíricas recentes realizadas na FAU-Mackenzie sobre usos e significados simbólicos de espaços urbanos destacando-se a Avenida Paulista em São Paulo.

2. CONTEXTOS ANALÍTICOS E CONTEXTOS DE VIDA

Cada situação particular da vida cotidiana representa uma composição de temporalidades e de espacialidades que expõe simultaneamente as contradições sociais e as condições e possibilidades de seu enfretamento. É nessa dupla perspectiva que se coloca o interesse investigativo da sociologia da vida cotidiana: desvendar como a sociedade se expressa no cotidiano e em que aspectos o cotidiano carrega os germens da transformação social.

Em José de Souza Martins (2000), este desvendamento é feito através da adoção do marxismo histórico como método de investigação, aderindo às interpretações feitas por Henri Lefebvre dos principais conceitos marxistas.³ O conceito de formação econômico-social ao articular o histórico e o espacial é assumido, em suas análises, como recurso interpretativo na medida em que permite compreender um fenômeno inerente à sociedade capitalista – o desenvolvimento desigual – e a junção necessária entre temporalidade e espacialidade, entre *espaço e história*.⁴

injustiça e uma brutalidade banalizada pela mera repetição, como algo construído no dia a dia em parte à nossa própria revelia. Era preciso investigar situações cotidianas e banais em que aqueles processos agem e se concentram". (<http://www.saraivaconteudo.com.br>)

² O pesquisador mencionado é o sociólogo Aníbal Quijano cuja obra crítica sobre o tema do eurocentrismo na ciência latino-americana, vem servindo de inspiração acadêmica, inclusive no Brasil. Sua palestra, no início dos anos 2000, na PUC em São Paulo manifesta o apelo de compreensão analítica das nossas especificidades. Algumas de suas idéias podem ser vistas no artigo: Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais. Perspectivas latino-americanas.*). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005, p 107- 130.

³ As colocações referentes a este olhar metodológico estão predominantemente em dois capítulos do livro *A sociabilidade do homem simples* (op.cit.) - Excurso: As temporalidades da História na dialética de Henri Lefebvre (Cap.5) e História e memória (Cap.6). Dentre a numerosa bibliografia utilizada, refere-se mais frequentemente aos seguintes textos de Lefebvre: *Sociologie de Marx*. Presses Universitaires de France, Paris, 1966; *La Revolución Urbana*. Alianza, Madrid, 1972; *Critique de la vie quotidienne*. L'Arche Éditeur, Paris, 1981.

⁴ Martins considera o fato de que Marx referenciou Londres como espaço privilegiado de análise dos processos de reprodução ampliada do capital.



Nesta coexistência de tempos históricos e relações se cruzam não só o passado e o presente, mas também o futuro, o possível.

Esta perspectiva impõe ao método investigativo, um movimento regressivo-progressivo.

Deve conter procedimentos que permitam investigar a dupla complexidade da realidade social – *no plano horizontal e vertical*. Ou seja, realizar a identificação e recuperação de temporalidades desencontradas e coexistentes.

Os componentes do método envolvem três aspectos e momentos de análises (MARTINS, 2000: 120; 121):-

1. Descrição do fenômeno: a partir de um olhar teoricamente orientado, a complexidade da vida social pode e deve ser descrita. Neste plano horizontal, o investigador procede como um etnólogo, “identificando e descrevendo o que vê”;
2. Momento analítico-regressivo: significa penetrar verticalmente na vida social, investigando relações sociais que possuem datas desencontradas. Nesse momento, fica evidente a importância do domínio de disciplinas especiais – a sociologia, a antropologia, a história, a economia, a estatística, etc”. Esta contribuição multidisciplinar é que permite identificar a datação dos seus componentes, ou seja, a presença de elementos culturais de um tempo histórico anterior que se reproduzem e se apresentam nas atitudes dos indivíduos em situações sociais da vida cotidiana;
3. O terceiro momento (conforme o método da dialética de Lefebvre) recebe a denominação de histórico-genérico porque o investigador volta-se para o presente, agora mais compreendido e explicado. “A volta à superfície fenomenológica da realidade social elucida o percebido pelo concebido teoricamente e define as condições e possibilidades do vivido”.

As suas interpretações sobre cultura e sociedade no Brasil e, mesmo, alguns estudos sobre situações do cotidiano informam as complexidades das relações tempo-espço. Segundo Martins, a modernidade aqui se deu de forma incompleta reunindo elementos de tempos históricos desencontrados. Ou seja, o arcaico ou o pré-moderno (enquanto valores que orientam a ação dos indivíduos) se insere de forma fundante, na modernidade brasileira, como um projeto anômalo e inacabado. A inconclusividade da modernidade no Brasil se traduz no fato de que o tradicional, o arcaico, convive num processo de bricolagem com o moderno, como expressão de uma presença simultânea de tempos históricos diferentes. Ou seja, inúmeras relações econômicas e sociais tradicionais se inserem no processo de transformação industrial capitalista da sociedade brasileira e evidenciam, ainda que de forma subordinada, sua resistência⁵.

⁵ A investigação do fenômeno de desmaios e histeria de operárias na Cerâmica São Caetano, constante no livro *A aparição do demônio na fábrica (origens do Eu social dividido no subúrbio operário)*. S.P, Editora 34, 2008, desvenda os confrontos de tempos históricos diferentes vivenciados nas situações cotidianas de trabalho. As rotinas quebradas pela visão do demônio no ambiente da fábrica por parte das operárias de um setor, coincidem com a introdução de máquinas mais sofisticadas na linha de produção que induziam a aceleração do trabalho. O fenômeno, a partir da descrição vivenciada dos agentes é explicado pela coexistência entre valores tradicionais religiosos, presentes nas crenças e nos comportamentos pessoais e a degradação das condições de trabalho impostas pelas lógicas racionais modernas, percebidas de forma atravessada por valores tradicionais, como forma de resistência.

Conceitualmente, a modernidade só se apresenta em completude quando contém ao mesmo tempo a consciência crítica do moderno – como moderno situado, alvo de consciência e balizamento. Assim, a modernidade “não se confunde com objetos e signos do moderno, porque a ele não se restringe, nem se separa da racionalidade que criou a ética da multiplicação do capital; que introduziu na vida social e na moralidade” a instrumentalidade e o cálculo racional das ações dos indivíduos no cotidiano (Idem: 18). Contém a ética que transforma o homem em objeto, inclusive objeto de si mesmo. Com base nas análises de Weber extraídas de *Ciência e Política, duas vocações* – a modernidade, além dos signos que atravessam os modos de vida, “é a realidade social e cultural produzida pela consciência da transitoriedade do novo e do atual” (Idem: 19)⁶

Diante da questão: “Como o provisório permanente se dá nas diferentes sociedades?”, Martins responde que o caso brasileiro indica que a modernidade não se completou, produziu um diverso segmentado e uma travessia permeada pelo mágico e pelo místico. A modernidade vem a nós como objeto, como signo, como expressão do ver e não do viver e do acontecer. (MARTINS, 2000: 27) Num descompasso histórico, a vivência do moderno se faz pelo apelo ao não moderno, ao rústico, ao sertão, onde estariam as raízes de nossa autenticidade. A modernidade aqui aparece aqui sem laços fundos:- como afirma o autor, as nossas desigualdades sociais são também o nosso descompasso histórico.

Ao contrário de outras sociedades, como a inglesa, onde a força da tradição impôs condições à experiência do moderno (papel das corporações de ofício impondo limites nas relações de trabalho), funcionando como crítica, no Brasil, só muito lentamente e de maneira transversal, o tradicional se revela como crítica das irracionalidades do moderno, como é o caso da música caipira⁷. Na prática, o recurso ao tradicional funciona mais como um contraponto – mobilizando o apelo ao mundo da fé e da festa.

A nossa experiência crítica do moderno é o deboche – e, por isso mesmo, uma crítica mutilada. (Idem: 32) Em outra dimensão, onde se revela também a incompletude da modernidade brasileira, o apelo ao tradicional funciona aqui mais como uma consciência nacional do que social. O tradicionalismo expresso pela cultura popular se ajusta a uma aparência de modernidade.

A cultura popular carrega o seu tempo histórico e se integra a modernidade como anomalia e problema. O tradicionalismo encerra o persistente, o passado e o costumeiro e, portanto, uma anomalia numa cultura dominada pelo provisório e passageiro. (Idem: 33) Segundo ele, a Revolução de 1930 que representou um grande passo em direção ao moderno, procurou se legitimar na tradição, na cultura popular, elementos que se tornam as raízes culturais do nacionalismo. O moderno e os signos da modernidade são incorporados ao popular. O moderno se transforma em máscara, em simulação. O tradicional revela as incongruências e irracionalidades da modernização no Brasil – por isto somos ambíguos.

Assim, no plano da vida cotidiana afloram temporalidades históricas diversas. Os tempos históricos no Brasil são confundidos e se imiscuem no dia a dia – como colagens de tempos

⁶ Considera necessária a distinção entre constatar e definir filosoficamente a modernidade e explica-la sociologicamente. A modernidade surge na consciência social no século XVIII e só no século XIX é explicada.

⁷ As referências de Martins ao papel da tradição nas transformações burguesas na Inglaterra tem como base os estudos clássicos de THOMPSON, E. P. em especial *The Making of the English Working Class*. Penguin Books, Harmondworth, 1968.

históricos. Entretanto, para Martins este fenômeno é mais do que a hibridação cultural tão bem analisada por Nestor Canclini⁸. No caso brasileiro a vivência do híbrido enquanto presença de momentos históricos desencontrados produz uma ambiguidade constante e não representa uma simples justaposição de elementos culturais diversos e fragmentados. Ao contrário,

Estamos em face de uma cultura arraigada, marcada por uma lógica assimilacionista e integradora, capaz de juntar o diverso e, sobretudo, de conciliar o antagônico como forma de resistir à inovação e à transformação. (...) É a lógica do duplo, do ser e do parecer ser; do praticado e do dado a ver – a logicada alma dividida entre duas orientações opostas, a do colonizado e a do colonizador. (Idem: 50)

A modernidade é um artifício; os signos se tornam fetiches. As expressões particulares do moderno anômalo revelam-se e ocultam-se nos acontecimentos e condições cotidianas o que confere mais do que nunca a esta dimensão da vida social um estatuto epistemológico. Este quadro interpretativo permite reconhecer, nas práticas sociais e nas atividades repetitivas e rotineira do dia a dia, as singularidades históricas e culturais de uma sociedade.

Em outra vertente, e com outros referenciais teóricos, Machado Pais (2003) também mostra ser possível entender a vida cotidiana como recorte analítico, situando aí a importância das relações temporais e espaciais.

Destrinchar o que ele denomina de *enigmas e revelações* postos pela vida cotidiana exige mais do que adotar uma teoria fechada e supostamente completa. Trata-se de realizar uma aproximação empírica dos fenômenos realizando um trabalho de *retalhar a realidade no tempo e no espaço*. Através desta postura metodológica o investigador estabelece os *'contextos analíticos'* (elementos teóricos, conceituais) capazes de interpretar por entre linhas as condutas individuais e coletivas. Pode assim, mesmo que de maneira retalhada, *iluminar os fragmentos e a complexidade social*.

A ideia de contextos contém ainda outra conotação referida ao *contexto dos indivíduos*, aquele relacionado às situações de vida e aos padrões de comportamentos e práticas no dia a dia. Os indivíduos se inserem num contexto de vida e se movimentam nele, uma vez que conhecem os elementos do meio social e lançam mão de recursos que consideram necessários e importantes para a sua existência.

Os contextos analíticos correspondem às práticas científicas ou elaborações teóricas que ao operar uma combinação de variáveis permite ao investigador interpretações dos fenômenos da vida cotidiana. Inserem-se como variáveis todos os elementos pertinentes para a compreensão dos fenômenos. De outro lado, o contexto dos indivíduos é o conjunto dos elementos sociais que são importantes para os indivíduos: “normas, regras, nortes de orientação, bússolas cognitivas, mapas de significação e representações sociais que regulam distintos estilos de ações, distintas condutas comportamentais” (Idem: 123). Esses contextos se expressam através do senso comum, ou, no conjunto de conhecimentos comuns que são compartilhados pelos indivíduos na dimensão cotidiana da vida. Nesta perspectiva, lembra Pais, é possível ver a sociedade no nível dos indivíduos. Tanto num caso como no outro, os contextos representam formas de retalhar a realidade embora com objetivos diferentes.

Os contextos analíticos contêm recursos, conceitos selecionados, ferramentas de interpretação da vida em sociedade e os contextos dos indivíduos ao expressarem modos específicos de viver contêm as normas e referenciais simbólicos apropriados por eles e que

⁸ Refere-se ao livro de Nestor Canclini: *Culturas Híbridas (estratégias para entrar y salir de la modernidade)*. Grijalbo, México, 1990.

servem de orientação de suas condutas, compatíveis com as condições, circunstâncias e momentos de vida. As normas referem-se aos sistemas de significados compartilhados, como regras de um jogo que envolve prêmios e punições. Direcionam maneiras de agir consolidadas pelo uso e costumes e que estão vinculadas aos aparelhos ou instituições prescritivas como a família, escola, religião e outras. O fato de que na vida social esta transmissão contém fluidez e nem sempre é nítida permite uma variedade de movimentação social na incorporação de valores.

Vale dizer que, ao se relacionar com os elementos contextuais do meio, os indivíduos reinterpretam ou reelaboram de forma específica as grandes determinações sociais. É nesse sentido que a vida cotidiana se coloca como um elemento mediador entre as grandes estruturas sociais (econômicas, políticas, culturais) e as ações individuais e coletivas. As relações e interações entre os indivíduos presentes na vida cotidiana são mais do que simples relações psicológicas. Na perspectiva do autor, as 'cenas' do cotidiano nas quais se situam as relações sociais são construídas num determinado tempo histórico e sofrem a influência das forças influentes na sociedade. Nesse sentido existe um '*contexto social*' que funciona como sustentação significativa das interações. Os indivíduos selecionam os elementos do contexto social que consideram relevantes e seus comportamentos informam as posições sociais que ocupam e os valores e identificações simbólicas que portam. Do mesmo modo o espaço também pode ser visto como elemento de mediação das relações sociais.

Nesse sentido, o senso comum contém uma enorme riqueza interpretativa. Como alerta Martins, (2002: 59), "O senso comum é comum não porque seja banal [...] Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social. [...] e, sem significado compartilhado não há interação". No campo relacional da vida cotidiana os atores negociam mediações de significados exigindo dos investigadores um complexo mecanismo de deciframento dos códigos compartilhados. Ou, nas palavras de PAIS, (2003: 111), "(...) a sociologia da vida quotidiana parece necessitar de se mover em dois campos de jogo ou em dois campos paradigmáticos: por um lado, há o interesse em olhar a sociedade no nível dos indivíduos; por outro lado, há a necessidade de ver como a sociedade se traduz na vida deles".

Mesmo considerando o fato de que a vida cotidiana é permeada por acontecimentos espontâneos e menos sujeitos ao controle, os mecanismos de sociabilidade possuem um caráter fortemente regulador, tal como informa Erving Goffman (2010; 2011), cujo pensamento interpretativo das interações públicas e visíveis dos indivíduos, contribui para se perceber a riqueza dos arranjos sociais. Mesmo que estejam recobertos de teatralidade e dissimulação, representam a manifestação de jogo com regras e papéis sociais definidos.

Durante contatos pessoais diretos, operam condições informacionais únicas, e a importância da fachada se torna especialmente clara. A tendência humana de usar sinais e símbolos significa que evidências de valor social e de avaliações mútuas serão comunicadas por coisas muito pequenas, e essas coisas serão testemunhadas (...)

Parece que em qualquer sociedade, sempre que surge a possibilidade física de interação falada, um sistema de práticas, convenções e regras de procedimentos entra em jogo, funcionando como um meio de orientar e organizar o fluxo das mensagens. (GOFFMAN, 2011:39)

Como espelhos da sociedade em movimento, a vida cotidiana transita em ritmos temporais diversos, cadências que se interpõem não como reflexo mecânico das estruturas sociais. Ao lado das ações repetitivas e rotineiras (relativas a um tempo organizado e coercitivo), existem na vida diária acontecimentos fortuitos e inesperados (relativos a um tempo mais solto e flutuante).

(...) impõe-se a distinção entre duas categorias de tempo: temos aquele tempo que serve de catalizador da espontaneidade social⁹, um tempo de condutas pré-estabelecidas, reguladas, hierarquizadas, centralizadas – próprias de uma cotidianeidade repetitiva; um tempo cíclico, parabólico, organizado -, em certo sentido, um tempo de coações, enfim, um tempo que abarca as próprias representações sociais do tempo; todavia, o aparente imobilismo, a aparente rigidez, a aparente cadência deste tempo mais rígido, encobre na realidade, um tempo de explosões, de surpresas, de imprevistos, de ilusões.(...) Este tempo ‘descompassado’ entre o aparecimento e desaparecimento dos ritmos da cotidianeidade, é, como se refere Gurvich, o tempo da incerteza, em que a contingência se encontra particularmente acentuada: no fundo, o tempo buliçoso da vida quotidiana – aquele tempo em que o presente parece prevalecer sobre o passado e o futuro e, como o qual entra, por vezes, em difícil relação.(Pais, 2003:129)

Relembra Martins que, para Lefebvre, o real vivido é o plano dos significados que sustentam as relações sociais e é também onde a sociedade espelha suas contradições. Nos momentos de crise e de descontinuidades, afora a possibilidade do novo. E, através de Agnes Heller¹⁰, aponta o potencial transformador e criativo que permeia a vida cotidiana dos indivíduos.

É no fragmento de tempo do processo repetitivo produzido pelo desenvolvimento capitalista, o tempo da rotina, da repetição e do cotidiano, que estas contradições fazem saltar fora o momento da criação e do anúncio da História – o tempo do possível. (MARTINS, 2000: 63)

3. USOS E SENTIDOS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS

Investigações acadêmicas no âmbito da FAU-Mackenzie, algumas já realizadas e outras em curso têm tomado de empréstimo alguns desses olhares fornecidos pela sociologia da vida cotidiana, buscando ampliar a compreensão das múltiplas atribuições de sentido expressas pelos indivíduos nos usos atuais dos espaços públicos urbanos. Estes olhares representam suportes teóricos que orientam os levantamentos de dados empíricos e suas interpretações. Em cada caso, uma gama de outros pensadores é incorporada evidenciando a necessidade de aberturas conceituais e colaborações interdisciplinares.

A pesquisa inaugural com esta perspectiva elegeu a Avenida Paulista, em São Paulo como referencial empírico de espaço público urbano de influencia escalar metropolitana, utilizado como exercício de reflexão conceitual e metodológica¹¹. Seguindo as pistas de Machado Pais (op.cit.) a noção de *contextos* é adotada neste trabalho em seu duplo significado: como recorte analítico e como recorte espacial e histórico-temporal. A observação empírica sobre as relações sociais praticadas nos locais de estudo, evidenciando formas amplas e diversas de apropriação do lugar, substanciaram as possibilidades de construção de uma proposta metodológica que resultou numa matriz de “situações elementares do cotidiano”, feita com o objetivo alimentar outras investigações empíricas sobre cotidiano e espaço público urbano.

⁹ Referência do autor ao texto de GURVITCH, G. *A Vocação Actual da Sociologia*. Vol. II, Lisboa: Edições Cosmos, 1986, p. 386-392.

¹⁰ Segundo Heller (1985: 38) a vida cotidiana, embora seja um terreno propício à alienação, não é necessariamente alienada. Nas estruturas próprias da cotidianidade é possível existir margens de movimento e de possibilidades ao indivíduo de objetivar suas próprias experiências, manifestar suas insatisfações, suas recusas e agir criando alternativas.

¹¹ Sob o título *Avenida Paulista, experiências de mobilidade, experiências de espacialidades* esta pesquisa de autoria de Silvana ZIONI e Volia KATO (2012) se integrou a um projeto mais amplo coordenado por Luiz Guilherme R. CASTRO, de caráter interdisciplinar e interinstitucional: *Espaços públicos: relações e articulações entre campos disciplinares - teorias e projeto*, realizado com auxílio financeiro do CNPQ e do Fundo Mackenzie de Pesquisa.

No primeiro plano (o contexto analítico), foram selecionadas duas variáveis inter-relacionadas e reveladoras das dinâmicas sociais de apropriação do espaço: *mobilidade e espacialidade*. ao lado de informações verticais de cunho histórico sobre as singularidades deste espaço público. Destaca-se aí a presença de uma centralidade econômica e simbólica historicamente construída pelas elites sociais de São Paulo, como espaço diferenciado, especial e representativo do dinamismo da cidade. Como valores ideológicos, estas ideias, difundidas e consolidadas no imaginário social, revelam e ocultam como os interesses de classe modelam e constroem o lugar.

Nas interações conceituais desta pesquisa, a própria noção de espaço, definida a partir de CERTEAU (2000) e LEBEVRE (1969) contém elementos fixos e elementos móveis, sendo, portanto, indissociável da noção de mobilidade.

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] um lugar é, portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. [...] Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. Espaço é o cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar como unidade polivalente de programas conflituais e de proximidades contratuais. [...] Em suma, *o espaço é uma lugar praticado*. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. (CERTEAU, 2000: 201; 202 – grifos do autor).

Em Lefebvre (1969) as relações entre formas físicas e dinâmicas sociais estão presente em sua definição de cidade, como sendo a projeção da sociedade sobre o local, não apenas sobre o lugar sensível, como também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento. A singularidade da vida urbana estaria assentada justamente nos modos de viver a cidade, o habitar propriamente dito, nas maneiras de viver a vida urbana. Em outra reflexão, Lefebvre (1976):¹² salienta a tendência de crescente complexidade do social determinada pelas contradições e desencontros entre espaço-tempo e forma-informação, materializadas como síntese, nas práticas sociais, na “liberdade de informarmos que somos e quem são os diferentes”. No cruzamento entre espacialidade e mobilidade (as classes modelam o espaço de forma diferencial), o urbano, para ele, é um campo diferencial (coexistência das diferenças atravessadas pela transparência e opacidade de suas manifestações). Ou seja, um campo de tensão, composto por elementos que se opõem e se combinam.

As ideias de campo diferencial e tensões postas por Lefebvre são reposicionadas por Renato Carmo para enfatizar a importância e singularidades dos espaços públicos urbanos contemporâneos diante da intensificação dos fluxos econômicos e de mobilidade de pessoas que impõem sobre os lugares, influências escalares diversas.

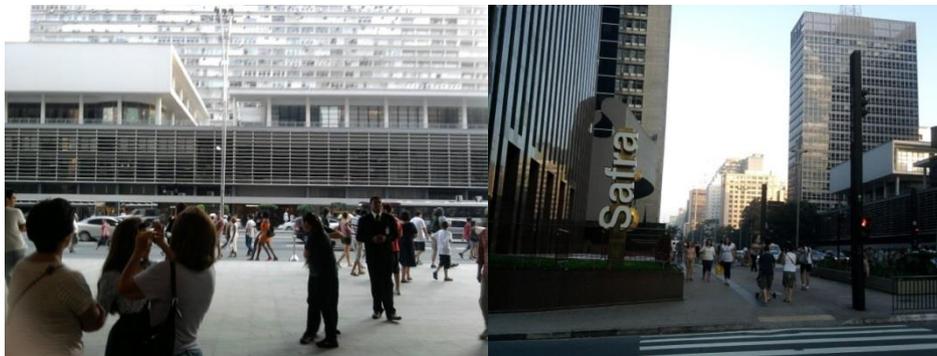
[...] é possível contrapor uma outra concepção que representa os lugares como sítios de “enrugamento”, isto é, espaços aglutinadores de escalas cuja composição interfere no escoamento e na suposta linearidade dos circuitos globais. Ou seja, um *espaço composto* onde as escalas em vez de se sobreporem hierarquicamente, colidam entre si de modo a catapultarem diferentes significados a partir de dinâmicas contraditórias ou até antagônicas. Como se tratasse de um campo de forças gerador de tensões que podem resultar em oposições irreduzíveis, mas também em associações e ligações recorrentes. (CARMO, 2009:48. Grifos do autor)

¹² Nesta obra, publicada originalmente em 1968, Lefebvre já anuncia fenômenos que serão fortemente debatidos nas décadas de 1980, 1990, tais como as noções de cidade mundial (p.174); a a idéia das relações em rede como relações que se sobrepõem (p.127) e a visualização da urbanização como fenômeno planetário.

As observações empíricas realizadas na Avenida Paulista, documentadas com registros iconográficos, além de outros levantamentos de matérias jornalísticas, impressas e virtuais, reafirmam estas interpretações, contextualizadas nas singularidades locais, conforme ilustram as figuras apresentadas a seguir. A ampliação da acessibilidade através das novas conexões modais do sistema de transporte intensifica o afluxo de pessoas a esta área resultando na presença de um amplo leque de diversidade social. Contraditoriamente, este fenômeno vem efetivar a ideia de que este espaço é uma centralidade representativa da cidade. Pelo menos em termos do usufruto dos espaços públicos o processo de “democratização” ou “popularização” amplia a sua escala de influência metropolitana e quebra a imagem de uma espacialidade seleta e exclusiva fazendo pulsar novas tensões, uma vez que, além das manifestações de protesto cada vez mais frequentes, as “tribos juvenis”, grupos de identidades culturais específicas e outros diversos indivíduos informam publicamente sua presença e passam a disputar o mesmo espaço.

As atividades cotidianas relacionadas ao trabalho, ao lazer, ao consumo cultural, as perambulações, aos eventos festivos, rituais e, ou, a manifestações de protesto evidenciam aí, como mostram as autoras, que “as experiências de espacialidade e as atribuições de sentido são socialmente construídas e, por isto mesmo são prenes de conflitos e intermediações”. (ZIONI; KATO, 2012:6) Neste jogo, as estruturas de mobilidade e os fluxos de deslocamento desempenham um papel importante na criação de novas espacialidades e ressignificação de espacialidades antigas. Como bem situam, as experiências de espacialidade fazem parte de jogo com regras explícitas e, ou invisíveis e, mesmo com vigilâncias que “(...) visam garantir as estratificações sociais, mas que não conseguem evitar o imprevisto, a aproximação de afinidades ideológicas e sociais e o confronto das diferenças” (Ibidem).

Figuras 1 e 2 – Fluxos de Mobilidade da Av. Paulista



Fonte: (Kato, 24.03.12)

Figuras 3 e 4 – Vendedor de Petecas no Masp



Fonte: (KATO, 17.03.2013)

Figura 5: O fazer artístico na rua



Fonte: (KATO, 17.03.2014)

Figuras 6 e 7: A prática do skate nas calçadas



Fonte: (KATO, 24.03.2012)

As interpretações sobre as situações de uso dos espaços públicos na Avenida Paulista, incorporando as contribuições da sociologia da vida cotidiana de acordo com os autores aqui referenciados e outros, considerou transversalmente as transformações históricas desta centralidade urbana enquanto expressão das estruturas sociais e a presença de elementos decorrentes de processos e fluxos econômicos de outras escalas - metropolitana e global. Além do capital financeiro já consolidado nesta área e de equipamentos culturais marcentes,

existem indícios evidentes da atratividade de outros agentes econômicos, de comércio e serviços de caráter popular, que contextualizam suas marcas as identidades elitistas do lugar.

Outro aporte da pesquisa resultou na construção de um instrumento metodológico visando orientar a realização de outras pesquisas empíricas nesta temática, com o mesmo enfoque teórico. As contribuições antropológicas de Agier (2009) permitiram construir matrizes de conceitos instrumentais com foco das “situações elementares do cotidiano”, que descrevem as relações dos indivíduos com o seu contexto urbano. Desta proposição mais geral, foram elaboradas diversas matrizes correspondentes à quatro situações identificadas pelo autor. A tipologia de quatro situações assim se define: - situação ordinária, situação extra-ordinária, situação de passagem e situação ritual. Expressam a dimensão relacional do cotidiano urbano, e onde se encontram os diferentes momentos de *interação dos cidadãos com sua cidade* e das *interações entre cidadãos na cidade*, ou seja, uma combinação das determinações entre indivíduo, espaço e sociedade. (Agier, 2009, p. 57)¹³.

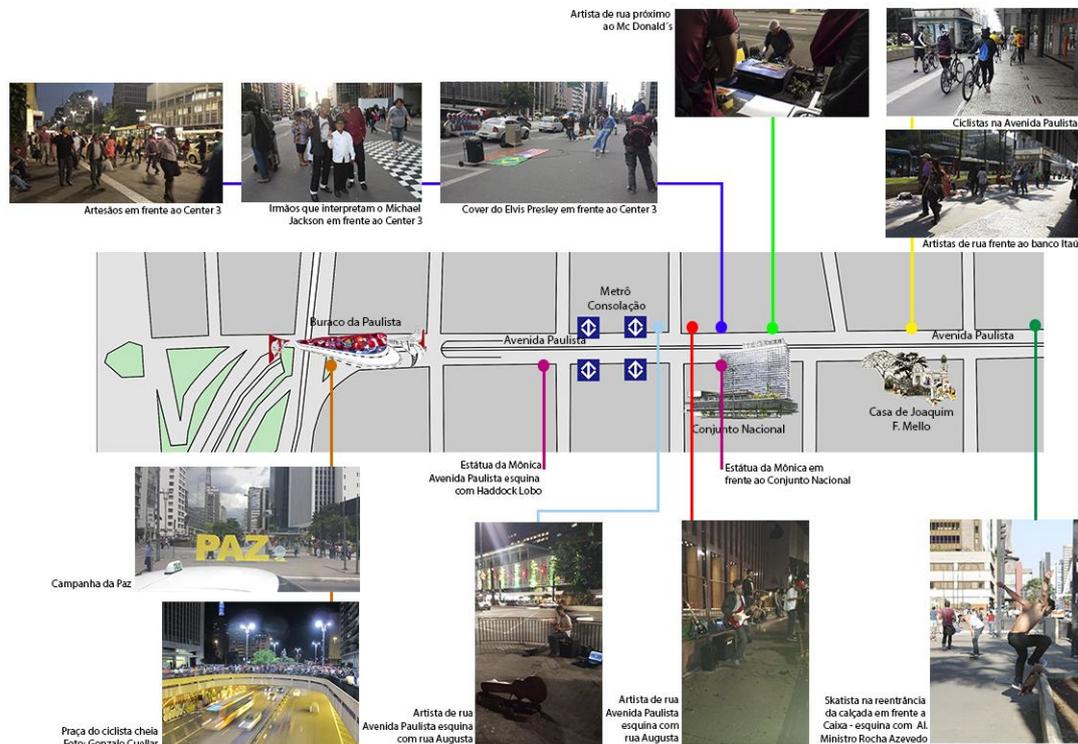
Outra investigação, realizada por Laís Oddi Duran¹⁴ tomou como referência o mesmo objeto empírico – a Avenida Paulista em São Paulo – objetivando aplicar o instrumento conceitual das matrizes de situações elementares do cotidiano, proposta pela pesquisa anterior. Partindo do pressuposto da existência de apropriações diversas relacionadas aos ritmos do cotidiano pela população e grupos de afinidades relacionais – desde artistas de rua, skatistas, dançarinos, pregadores, até manifestações festivas e de protesto político traçou como propósito especificar a localização geográfica e os atores sociais ao longo da avenida, utilizando instrumentos de observação que relacionam mobilidade e espacialidade e realizar uma aproximação de escuta qualitativa dos atores sociais.

Trazendo como resultado uma cartografia de usos por trechos da avenida (trecho Consolação; Trianon-Masp e Brigadeiro) a pesquisa constata o cruzamento e a simultaneidade das situações elementares do cotidiano que se entrelaçam e muitas vezes colidem. Vale dizer que as relações entre espacialidades e mobilidades criam cartografias múltiplas e cambiantes, permanentes e efêmeras (Vide Figura 8). Através das escutas, foi possível constatar ainda um processo evidente de identificação dos agentes com o lugar; o reconhecimento de suas qualidades urbanísticas (tamanho das calçadas, qualidade da paisagem construída, etc.) e a ótima acessibilidade. A malha ampliada da estrutura de transporte é vista como facilitadora dos encontros e, no afluxo crescente de pessoas vindas de locais bem distantes para atividades de lazer, de consumo cultural e de trabalho revelam-se as simultaneidades de influências escalares no âmbito da metrópole e além dela, produzindo *enrugamentos*, tal como visualiza Renato Carmo (Op.Cit.) em suas considerações.

¹³ As matrizes com suas composições detalhadas constam do relatório de pesquisa anteriormente referenciado.

¹⁴ A pesquisa de iniciação científica – *Apropriações dos espaços públicos na Avenida Paulista. Cartografia de usos, atores sociais e significados simbólico*, orientada pela Profa. Dra. Volia Kato e concluída em 2014, foi subsidiada com bolsa PIBIC –Mackenzie (Fundo Mack-Pesquisa).

Figura 8- Cartografia de Usos – Trecho Consolação



Fonte: DURAN, L. O. (2014)

A adoção dos olhares analíticos propostos pela sociologia da vida cotidiana tem sido feita em outras pesquisas que se encontram em curso voltadas para as relações entre cotidiano, lazer, intervenções culturais efêmeras e que buscam destrinchar usos e significados dos espaços públicos urbanos nas condições contemporâneas da cidade.

Em Camila Valladão¹⁵ o objeto empírico é o Parque da Juventude em São Paulo, projetado pelo escritório Gian Carlo Gasperini sobre a área de demolição do Complexo Penitenciário do Carandiru. Objetiva identificar aí, as influências das cadências do cotidiano sobre usos previstos e usos espontâneos neste lugar, sua influência regional e as tensões postas pela coexistência de atores sociais vinculados aos usos institucionais (escolas) e o afluxo de grupos e indivíduos em busca de atividades, culturais, de lazer e esporte.

Em Rebeca Pak¹⁶ os espaços públicos da área central de São Paulo tornam-se o foco de análise. Ao buscar compreender como as intervenções artístico-culturais efêmeras se repercutem nos lugares e nos indivíduos, enquanto interrupções das rotinas do dia a dia amplia o leque de autores aqui referenciados criando um diagrama de conceitos capaz de estabelecer nexos entre o teórico e o empírico. Encontra-se em andamento a análise de dois coletivos artísticos – o Teatro de Vertigem e o Festival Baixo-Centro.

¹⁵ A pesquisa de iniciação científica em curso denomina-se *Espaços públicos urbanos: O Parque da Juventude – arquitetura, usos sociais e significados simbólicos*, Projeto PIVIC-Mackenzie, 2014, sob orientação de Volia Kato.

¹⁶ Rebeca Yun Hee Pak desenvolve a pesquisa de iniciação científica *Intervenções artístico-culturais e o pulsar do centro de São Paulo*; Projeto PIVIC- Mackenzie, 2014, com orientação de Volia Kato.

4. ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Os elementos aqui apresentados se interligam ao interesse primordial que é o de apresentar a vida cotidiana como um campo que merece ser resgatado nas avaliações críticas do mundo contemporâneo porque é nele que se manifestam e se escondem os problemas e as possibilidades alternativas. Tal como já havia sinalizado Norbert Elias, olhando para os grandes processos de transformação histórica, os elementos constitutivos do futuro já se encontram no presente, às vezes obscurecidos, não tão visíveis e ainda assim dependentes de probabilidades e circunstâncias para se realizarem ou não¹⁷.

Vale dizer que a vida cotidiana pode nos informar como é que os conflitos são vividos e percebidos e quais são as estratégias que os indivíduos adotam para suportar os desejos não realizados e realizar estes desejos apesar de tudo de formas alternativas. Também este plano da vida social pode ser desmistificador de noções consolidadas no imaginário social sobre o que somos e o que queremos. É no plano do vivido que a realidade se mostra.

É isto que torna pertinente a revisitação de autores já considerados clássicos como Lefebvre e Certeau, além de outros aqui mencionados, pois eles nos informam que o viver a cidade expressa a dimensão pública: - é o lugar de conflitos mas também de criação de utopias.

As relações entre os lugares e usos sociais na cidade representam, no dizer de Lefebvre (1976), maneiras como as classes e os agentes sociais modelam o espaço revelando e ocultando simultaneamente a existência da diversidade social. Se a segregação social é a negação do urbano enquanto possibilidade de coexistência do diverso social, a vida cotidiana se apresenta como possibilidade de liberdade em constante recriação. Cabe, portanto, como síntese das discussões aqui apresentadas a citação deste mesmo autor: “Podríamos, pues, definir lo urbano como lugar de *expresión de los conflictos* [...].Podríamos también definirlo como *lugar del deseo*, lugar donde o deseo destaca sobre las necesidades, donde se concentra porque se conoce, donde tal vez (posiblemente) se hallan Eros e Logos”. (Idem: 181)

REFERÊNCIAS

- DUPAS, Gilberto. Tensões contemporâneas entre o público e o privado. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n.124. Jan/Abril, 2005. p. 33-42.
- CARMO, Renato Miguel. Do espaço abstracto ao espaço compósito: refletindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades. In: CARMO, Renato Miguel; SIMÕES, José Alberto (org). *A produção das mobilidades. Redes, espacialidades, trajetos*. Lisboa, Portugal, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2009.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.
- GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.
- _____. *Ritual de Interação. Ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

¹⁷ Conforme Norbert Elias (1994), se o ethus da sociedade capitalista se funda no individualismo e na competição, um novo ethus tem sido gestado no interior desta sociedade que apela para o coletivo e para a solidariedade e que se manifesta de forma parcial e ainda insuficiente nas organizações sociais, nas políticas ambientais, etc. As relações entre indivíduo e sociedade se movem num fluxo permanente e instável.



- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Documento Ltda, 1969.
- _____. *La revolución urbana*. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 1976.
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples – Cotidiano e História na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- _____. *A sociedade vista do abismo – Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- PAIS, José Machado. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana. In: *Revista Análise Social*, vol XXII (90), 1986. p. 7-57
- _____. *Vida cotidiana – Enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público- as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____. *Carne e pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.